

INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA
CÂMPUS JARAGUÁ DO SUL - CENTRO
CURSO TÉCNICO EM MODELAGEM DO VESTUÁRIO

ESTELA ABELINO FERNANDES
ISADORA FOULETTO
MELISSA LIKES DECKER
POLIANA MARIA SCHMITT
SUYANNE ROSA

Adultização Infantil: a influência social no município de Jaraguá do Sul

ESTELA ABELINO FERNANDES
ISADORA FOULETTO
MELISSA LIKES DECKER
POLIANA MARIA SCHMITT
SUYANNE ROSA

Adultização Infantil: a influência social no município de Jaraguá do Sul

Relatório de pesquisa desenvolvido no Programa Conectando Saberes do Curso Técnico em Modelagem do Vestuário 3ª fase, do Instituto Federal de Santa Catarina, câmpus Jaraguá do Sul – Centro, como requisito de integração entre as unidades curriculares e como eixo condutor à pesquisa.

Orientadora: Kély Cristina Zimmermann

Jaraguá do Sul
2026

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Gráfico sobre o tempo de uso das telas pelas crianças e pré-adolescentes.....	23
Figura 2: Gráfico relacionado à influência da base familiar.....	24
Figura 3: Gráfico relacionado à responsabilidades e preocupações na infância.....	25
Figura 4: Gráfico relacionado à influência dos meios sociais em crianças.....	27
Figura 5: Gráfico relacionado à influência dos meios sociais na infância.....	28
Figura 6: Gráfico relacionado à influência da mídia.....	30

RESUMO

Este trabalho buscou investigar a adultização infantil, fenômeno caracterizado por um encurtamento da infância, em que crianças são introduzidas de maneira antecipada ao universo adulto, de forma a ter atitudes, falas e pensamentos precoces para a idade, resultando em impactos negativos no desenvolvimento dessas crianças. Na sociedade em que vivemos hoje, em que a distância entre a infância e o mundo adulto está cada vez mais curta, é fundamental buscar compreender as causas da adultização para preveni-la de uma maneira cada vez mais eficaz. Assim, a presente pesquisa teve como foco principal explorar as influências sociais que podem induzir a uma adultização, considerando os ambientes familiares, midiáticos e sociais, especialmente no município de Jaraguá do Sul, fonte de nossos dados coletados. Empregamos uma metodologia qualitativa-quantitativa, com análises bibliográficas e pesquisa de campo - contendo questionário com alunos do ensino médio e com pais de crianças entre 6 e 14 anos; e entrevistas com psicóloga, assistente social e professora. Através dos dados coletados, podemos confirmar que o fenômeno da adultização está cada vez mais presente no nosso cotidiano, sendo presenciada pela grande maioria dos inquiridos, além da significativa influência dos meios sociais no amadurecimento precoce: impactos da base familiar, pressão dos amigos, exposição às mídias, entre outros. As hipóteses foram confirmadas através das pesquisas e todos os objetivos foram concluídos.

Palavras-chave: Adultização; Infância; Criança; Jaraguá do Sul.

ABSTRACT / RESUMEN

This study aimed to investigate child adultification, a phenomenon characterized by the shortening of childhood, in which children are prematurely introduced to the adult world, leading them to develop behaviors, speech, and thoughts that are not appropriate for their age, resulting in negative impacts on their development. In today's society, where the distance between childhood and the adult world is becoming increasingly smaller, it is essential to understand the causes of adultification in order to prevent it more effectively. Therefore, this research primarily focused on exploring the social influences that may lead to adultification, considering family, media, and social environments, especially in the municipality of Jaraguá do Sul, which served as the source of our collected data. We employed a qualitative and quantitative methodology, including bibliographic analyses and field research, consisting of questionnaires applied to high school students and to parents of children between 6 and 14 years old, as well as interviews with a psychologist, a social worker, and a teacher. Through the collected data, we were able to confirm that the phenomenon of adultification is increasingly present in our daily lives, being observed by the vast majority of respondents, in addition to the significant influence of social factors on premature maturity, such as family background, peer pressure, media exposure, among others. The hypotheses were confirmed through the research, and all objectives were successfully achieved

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	11
2.1 Adultização: definição e manifestações.....	11
2.2 Família.....	12
2.3 Mídia e redes sociais.....	14
2.4 Outros meios sociais.....	16
2.5 Adultização infantil em Jaraguá do Sul.....	17
3 METODOLOGIA.....	18
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	18
4.1 O fenômeno da adultização.....	19
4.2 Adultização em Jaraguá do Sul.....	21
4.2.1 Causas da adultização.....	22
4.2.1.1 Base familiar.....	22
4.2.1.2 Outros meios sociais.....	26
4.2.1.3 Mídia.....	29
4.2.1.4 Impactos da adultização.....	32
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERÊNCIAS.....	37
APÊNDICE.....	40

1 INTRODUÇÃO

Atualmente é possível observar, com crescente frequência, que “[...] crianças passam a reproduzir comportamentos, assumir padrões estéticos ou consumir conteúdos próprios do universo adulto, de forma precoce”, fenômeno definido pela Fundação Abrinq pelos Direitos da Criança e do Adolescente (2025) como adultização infantil.

Partindo da compreensão de que este processo não é espontâneo, mas estimulado por várias forças presentes no cotidiano infantil, levantamos a hipótese de que os meios sociais (ambiente familiar, escola, amizades, mídia, etc) exercem forte influência sobre comportamentos e pensamentos, contribuindo diretamente para essa perda precoce de aspectos da infância, além de acelerar a adoção de posturas adultas, enquanto o desejo intrínseco por autonomia e independência impulsiona essa transição. Supõe-se, ainda, que a comparação com colegas e familiares, por meio do espelhamento de personalidades, acelera o amadurecimento, e que a idealização do mundo adulto, frequentemente romantizado, incentiva o anseio por crescer antes do tempo.

A relevância de investigar esta problemática reside nos potenciais danos que a adultização precipitada pode causar, como dificuldades de comunicação e relacionamento social, ansiedade, depressão e problemas de autoestima, justamente na fase em que o ser humano constrói as bases éticas, morais e de personalidade que o acompanharão por toda a vida. Apesar da gravidade, o debate sobre o tema na sociedade jaraguense ainda carece de aprofundamento, o que justifica a necessidade de estudos que foquem nas influências midiáticas, sociais e familiares deste fenômeno e suas consequências para o desenvolvimento dessas crianças.

Diante deste contexto, o presente trabalho tem como objetivo geral investigar os fatores que podem influenciar a adultização infantil no município de Jaraguá do Sul, com foco nas dinâmicas desenvolvidas pelo ambiente familiar e pelos meios sociais. Com esse propósito, a pesquisa foi estruturada em cinco objetivos específicos interligados: 1) Pesquisar e compreender os conceitos e manifestações da adultização precoce; 2) Analisar a influência dos meios sociais (escola, cursos, ciclos de amizade) no amadurecimento antecipado; 3) Investigar como o ambiente familiar e sua pressão influenciam comportamentos precoces; 4) Pesquisar e

analisar o impacto das mídias sociais e do ambiente digital no comportamento infantil; e 5) Analisar o impacto da adultização precoce no desenvolvimento e na vida futura. Dessa forma, buscamos não apenas produzir conhecimento, mas também dialogar diretamente com a comunidade escolar e familiar, promovendo discussões que possam repercutir em uma atuação mais consciente sobre a preservação da infância.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Adultização: definição e manifestações

Atualmente o cenário que conhecemos da infância está mudando e estamos presenciando essas transformações através de fatos que acompanhamos cotidianamente nos comportamentos das crianças, que se encontram cada vez mais acelerado em direção ao universo adulto - como afirma Postman (1999, p. 18), “Para onde quer que a gente olhe, é visível que o comportamento, a linguagem, as atitudes e os desejos, mesmo a aparência física de adultos e crianças se tornem cada vez mais indistinguíveis”.

Durante a infância, cada criança tem necessidades específicas e exige cuidados adequados ao seu momento de desenvolvimento. Mas há um consenso sobre o que é essencial nessa fase: brincar. Brincar é mais do que diversão - é uma atividade indispensável para o desenvolvimento da convivência social, da autonomia e da imaginação (Firmino, 2021; Araújo, 2025; Kunch *apud* Castilhos; Leandro, 2018).

O brincar [...] expressa a forma como uma criança reflete, ordena, desorganiza, destrói e constrói o mundo à sua maneira. É também um espaço onde a criança pode expressar, de modo simbólico suas fantasias, seus 40 desejos, medos, sentimentos e os conhecimentos que vão construindo, enriquecendo a sua identidade, experimentando as outras formas de ser e pensar, interagindo e elaborando o sentido próprio de moral e justiça. Brincar é mais do que uma atividade sem consequência para a criança. Brincando, ela não apenas se diverte, mas recria e interpreta o mundo em que vive, se relaciona com este mundo. Brincando a criança aprende. Por isso, cada vez mais os educadores recomendam que as brincadeiras e jogos ocupem um destaque no programa escolar desde a Educação Infantil (Rymovicz, 2013, p. 07).

A infância é uma fase essencial para que o ser humano construa as bases emocionais, psicológicas e morais que o acompanharão por toda a vida. Quando se

força a criança a assumir comportamentos típicos de adultos, como deixar de brincar ao ar livre para viver uma rotina mais parecida com a de um adulto, muitas vezes imposta pela família, ela perde experiências valiosas para o seu crescimento saudável, podendo causar uma “adultização” infantil, em que o desenvolvimento emocional não acompanha o intelectual, atrapalhando a formação de sua personalidade e gerando dificuldades na vida adulta (Firmino, 2021; Castilhos; Leandro, 2018). Os malefícios da adultização são evidenciados pela Fundação Abrinq (2025):

Os impactos da adultização infantil podem ser profundos e duradouros. Crianças que passam por esse processo precocemente podem desenvolver problemas emocionais e psicológicos, como ansiedade e depressão, além de apresentarem dificuldades na socialização e na formação de uma identidade própria. A pressão para agir de maneira mais madura as priva de momentos importantes para o desenvolvimento saudável, como a brincadeira livre, que é essencial para estimular a criatividade, o aprendizado e o equilíbrio emocional. Quando privadas dessas experiências, podem crescer com dificuldades para lidar com desafios da vida adulta e apresentar baixa autoestima.

2.2 Família

A família constitui um dos principais espaços de socialização primária, sendo responsável pela mediação inicial entre a criança e o mundo social. É nesse contexto que se constroem vínculos afetivos, normas de convivência, referências comportamentais e formas de interpretar a realidade (Silva; Dessen, 2003). Entretanto, compreender a família apenas como uma estrutura natural, homogênea e universal significa ignorar sua dimensão histórica, cultural e socialmente construída. Cada núcleo familiar apresenta características próprias, moldadas pelas condições econômicas, culturais e emocionais em que está inserido (Bourdieu *apud* Mata, Silveira, Deslandes, 2017).

Assim, ao analisar a base familiar no desenvolvimento infantil, torna-se fundamental adotar uma visão ampliada e crítica, compreendendo a família em sua diversidade e nos distintos arranjos presentes na contemporaneidade. E, como a assistente social e a psicóloga ressaltam nas entrevistas, a vulnerabilidade socioeconômica impacta diretamente na formação das crianças. Quando tais parâmetros são universalizados, corre-se o risco de culpabilizar famílias em situação de vulnerabilidade, desconsiderando os limites concretos impostos por sua realidade social e a necessidade de apoio institucional. Portanto, enfrentar a adultização

infantil implica não apenas orientar famílias individualmente, mas também fortalecer políticas públicas de assistência, educação, saúde mental e inclusão social que ofereçam suporte efetivo às múltiplas realidades familiares existentes.

Na maior parte das famílias os pais trabalham o dia inteiro e, ao final do dia, sentem-se exaustos para realizar qualquer tipo de atividade com a família. Nesses casos, costumam preencher a rotina da criança com alternativas como estudar em um dos turnos do dia, e no outro assistir televisão ou jogar videogame, ou então, estudam e fazem atividades extracurriculares durante o resto do dia, tendo assim, uma rotina tão lotada quanto a dos pais (HENSEL, 2018). Ao propiciar uma agenda cheia e estressante às suas crianças, a fim de atribuir o conhecimento que julgam ser importantes, esse excesso de atividades ou pouco tempo para si revela a possibilidade de esgotamento físico e mental dessas crianças. Além disso, há também famílias que acabam deixando o cuidado de irmãos/parentes mais novos sob o cuidado de uma criança mais velha, ou que submetem tarefas domésticas excessivas aos menores.

Uma reportagem da PUC-SP (AGENT) com a psicóloga Catia Silene (2025) explica: Entre as várias faces da adultização forçada, uma das mais silenciosas é a realidade de crianças que assumem tarefas domésticas para que seus pais ou responsáveis possam trabalhar fora. Longe de ser apenas uma “ajuda”, essa dinâmica transfere a elas responsabilidades que ultrapassam os limites da infância, comprometendo seu desenvolvimento.

Atualmente os pais preocupam-se muito com a violência das ruas, não sentem segurança para deixar seus filhos brincar ao ar livre, por isso preferem seus filhos dentro de casa. Dessa forma, cada vez mais, os pais se prendem aos recursos digitais como forma de manter os filhos seguros, em casa. (Hensel, 2015, p.25).

Muitos pais, preocupados com a violência presente nas ruas, recorrem à televisão como forma de entretenimento e segurança, deixando as crianças por horas em frente às telas. Sem perceber, utilizam a TV como uma espécie de "babá eletrônica", acreditando estar fazendo o melhor para os pequenos. No entanto, essa prática pode trazer sérios prejuízos ao desenvolvimento infantil, já que a exposição prolongada a conteúdos muitas vezes inapropriados retira da criança momentos essenciais de brincadeira, convivência familiar e construção da identidade. Nota-se também que a televisão, por meio de suas propagandas e programas, está

ganhando uma nova geração de consumidores, sendo que hoje as crianças exercem papel central nas famílias com um grande poder de consumo, por ter uma opinião determinante na hora da compra, o que a torna consumista.

Também é possível observar que a adultização se manifesta de forma diferente de acordo com a classe social: Enquanto na classe média a adultização se manifesta pelo consumo de bens simbólicos e pela imitação comportamental via mídia, nas camadas populares ela emerge precocemente pela necessidade de inserção no mundo do trabalho e pela ausência prolongada dos pais no lar (CASTILHOS; LEANDRO, 2018).

Como salienta Araújo (2016, p. 50), “[...]pais e famílias precisam estar em alerta e não permitir que sutilmente a infância passe despercebida, sendo ela uma fase cada vez mais curta na vida de nossas crianças”.

2.3 Mídias e redes sociais

O ambiente digital é uma grande influência no modo de agir e pensar das crianças, portanto, a exposição à conteúdos impróprios à essa idade, seja por falta de monitoramento, por influência de pessoas em seu ciclo social, ou de qualquer outra maneira, são pontos muito relevantes ao início do processo da adultização precoce. Ultimamente, muitas crianças são vistas em redes sociais com roupas sexualizadas, maquiagem pesada, desinteressadas em brincadeiras, trocando estas principalmente pelo celular, entre outros; do outro lado, crianças que acessam esses conteúdos desejam imitá-las.

Esse fator se relaciona com outra consequência trazida pela mídia: o consumismo excessivo, estimulado por propagandas. Atualmente, muitos comerciais e publicidades de *influencer* são direcionados especificamente ao público mais jovem, que ainda não tem total noção econômica, mas são facilmente influenciadas a adquirir produtos por propagandas na TV, ou por que algum amigo na escola disse que é bom, e os pais acabam por realizar esses pedidos sem pensar sobre a sua utilidade no momento (Mourão; Rodrigues; Silva; Silva, [S.D]).

A mídia e, principalmente, o uso das redes sociais também leva os pequenos a serem inseguros sobre sua aparência, ter baixa autoestima e frequentemente se compararem aos outros. A imagem de um corpo, cabelo, estilo etc, considerados “perfeitos” pela mídia muitas vezes se tornam padrões improváveis ou impossíveis

de serem alcançados, principalmente por crianças, cujos corpos ainda estão em desenvolvimento. Apesar da autodepreciação afetar ambos os gêneros, é mais comum em meninas, já que desde pequenas são ensinadas a cuidar de sua própria aparência por aprovação e, visto a imagem surreal e na maioria das vezes sexualizada de outras mulheres na internet, é inegável o surgimento de inseguranças. Segundo Sampaio, Carvalho, Nascimento e Ferreira (2022), a mídia molda a imagem do corpo feminino com base em valores socioculturais, promovendo um padrão estético quase inalcançável que estimula o consumo. Além disso, exerce forte influência na erotização precoce de crianças, especialmente meninas. Isso leva à perda das características da infância e à construção de uma imagem erotizada dessas crianças na sociedade. O fato é reforçado por Zurbriggen & Frey (apud Sampaio; Carvalho; Nascimento; Ferreira, 2022):

Crianças do sexo feminino crescem imersas em conteúdos midiáticos erotizados, onde sua imagem é vendida como o "corpo perfeito" ou a "mulher mais sexy do ano", brinquedos são adultizados e sexualizados, ídolos são expostos com aparência infantil em vídeo cliques sensuais e músicas expõe a mulher como um objeto [...].

Porém, não é só no jeito de vestir e agir que a internet tem seu marco. Em "A Sociedade Do Espetáculo" (1967), Guy Deboard escreve: "Em relação ao homem que age, a exterioridade do espetáculo aparece no fato de seus próprios gestos já não serem seus, mas de um outro que os representa por ele. É por isso que o espectador não se sente em casa em lugar algum, pois o espetáculo está em toda parte", reforçando como a busca por aceitação, acentuada pelas redes sociais, nos leva a "interpretar um papel" para nos encaixar em um grupo, afetando o desenvolvimento pessoal e a formação de personalidade, além de causar um sentimento de deslocamento e insegurança. Ademais, conteúdos sexuais ou que envolvem álcool e drogas também são consumidos por crianças. Na maioria das vezes esse conteúdo não é encontrado acidentalmente, ele é introduzido por pessoas de seu ciclo social ou até mesmo pela própria internet.

De acordo com Castilhos e Leandro (2018), Mesmo que os mais jovens entendam muito mais sobre a internet, eles não têm maturidade e psicólogo o suficiente para alguns conteúdos que esta tem para oferecer, portanto, é importante que os pais e a escola auxiliem esses jovens para o uso devido desse meio. Pequenas ações como monitoramento do conteúdo que a criança consome e de seu

tempo de tela, permitir e negar a instalação de certos apps e até motivar ela a interagir com o conteúdo que ela pode consumir são grandes passos para evitar a exposição á conteúdos indevidos e o possível início do processo de adultização precoce.

2.4 Outros meios sociais

Vygotsky (*apud* Moraes; Silva; Roth, 2025) reconhece que:

O que mais influencia na formação do indivíduo são as interações sociais que fornecem instrumentos e símbolos carregados de cultura, os quais fazem a mediação do indivíduo com o mundo, fornecendo-lhe elementos para a formação dos mecanismos psicológicos, fundamentais para as aprendizagens e o desenvolvimento.

Com isso, ao ser exposta a determinado ambiente ou conteúdo, a criança é profundamente influenciada por ele. Se o ambiente for agressivo, por exemplo, serão desenvolvidos comportamentos semelhantes; da mesma forma, ao ser exposta a conteúdos adultos e inadequados para sua idade, passará a reproduzir pensamentos e atitudes compatíveis com essas influências.

A criança, como todo ser humano, é um sujeito social e histórico e faz parte de uma organização familiar que está inserida em uma sociedade, com uma determinada cultura e em um determinado momento histórico. É profundamente marcada pelo meio social em que se desenvolve, mas também o marca (Brasil, 1998 *apud* Moraes; Silva; Roth, 2025).

A idealização do mundo adulto e o desejo por autonomia são sentimentos muito presentes na transição da infância para a vida adulta. Essa fantasia, alimentada pela pressa de crescer, cria a ilusão de que a maturidade é focada apenas no prazer de escolher os próprios caminhos.

Na cultura pop, encontram-se obras que enfatizam essa dinâmica, como, por exemplo, o filme *De Repente 30* (2004) em que é expressado o choque de uma jovem de 13 anos que deseja pular etapas e chegar aos 30 - a “idade do sucesso” - mas descobre que a realidade é bem mais complexa ao acordar no futuro. O filme é uma das demonstrações de como crianças esperam ansiosamente por autoafirmação, por tomar decisões e por se afastar um pouco do cuidado familiar para descobrir quem realmente é.

A escola, sendo o ambiente em que as crianças passam boa parte do dia, impacta diretamente no desenvolvimento das crianças. Por isso, deve atentar-se para evitar adiantar etapas ou pressionar os alunos por altos desempenhos, respeitando a infância e o ritmo de cada aluno. Os professores também devem estar atentos na identificação de adultização e de problemas emocionais nos alunos, desempenham uma função importante na identificação de problemas emocionais nos alunos, para assim garantir o suporte necessário a eles.

Embora a busca por bons resultados seja importante, o excesso de cobranças, sem o devido suporte emocional, pode causar ansiedade, insônia e até crises depressivas. Por isso, é essencial que as escolas adotem práticas pedagógicas que considerem o equilíbrio entre o rigor acadêmico e o bem-estar emocional dos alunos. (PROESC, 2024).

Sendo o brincar uma parte essencial da infância, “a escola necessita proporcionar momentos de interação das crianças com seus coetâneos, enriquecendo-os de experiências lúdicas, através de jogos e brincadeiras. Essas vivências estimulam a criança a traçar estratégias e a desenvolver a imaginação pelo faz-de-conta.” (TRINKS, 2022).

Há também o cenário lamentável do trabalho infantil, que desola tantas crianças no país, sendo “uma violação dos direitos fundamentais de crianças e adolescentes à vida, à saúde, à educação, ao brincar, ao lazer, à formação profissional e à convivência familiar” (FNPETI, [s.d.]), causando um amadurecimento forçado.

2.5 Adultização infantil em Jaraguá do Sul

O fenômeno da adultização infantil não é exclusivo de grandes centros urbanos: no município de Jaraguá do Sul, foco de nossa pesquisa de campo, também é possível observar manifestações desse processo. Embora ocorra em diferentes contextos sociais, a adultização é influenciada por fatores culturais, econômicos e midiáticos presentes na realidade local.

Nesse sentido, destaca-se a forte relação do município com a indústria têxtil e de vestuário. O mercado de moda infantil busca cada vez mais captar consumidores por meio da criação de produtos diferenciados e de estratégias publicitárias

direcionadas ao público infantil. Como aponta Neves (2024), a incorporação de elementos da moda adulta às roupas destinadas às crianças pode contribuir para a banalização de seus corpos e influenciar a forma como percebem a si mesmas e seus papéis sociais. Em Jaraguá do Sul, onde o setor têxtil possui grande relevância econômica, observa-se também um investimento expressivo em publicidade voltada ao público infantil, o que torna essa discussão ainda mais pertinente.

Diante de fatores locais que podem contribuir para a adultização infantil, torna-se fundamental a atuação do poder público na promoção e proteção dos direitos da criança. Segundo Ballalai (2024), os municípios possuem papel essencial na prevenção desse fenômeno, pois são responsáveis pela implementação de políticas públicas que alcançam diretamente as crianças e suas famílias.

Nesse contexto, Jaraguá do Sul conta com a Lei Municipal nº 7.301/2016, que estabelece a Política de Atendimento à Criança e ao Adolescente e define a estrutura e o funcionamento do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente (CMDCA), bem como do Fundo Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente (FMDCA) (Sistema LeisMunicipais, 2023).

Além disso, a preocupação com a adultização infantil ganhou maior visibilidade no município com a apresentação do Projeto de Lei nº 244/2025, de autoria do presidente da Câmara, vereador Luís Fernando Almeida (MDB). A proposta institui a Política Municipal de Prevenção e Combate à Adultização Infantil, estabelecendo diretrizes para garantir o desenvolvimento saudável, físico e emocional de crianças e adolescentes.

3 METODOLOGIA

Para a realização deste projeto, adotou-se uma abordagem metodológica de cunho qualitativo, escolhida por permitir uma análise mais aprofundada das percepções, experiências e interpretações dos participantes envolvidos.

A coleta de dados foi estruturada a partir de dois instrumentos principais: entrevistas e aplicação de questionários online. No que se refere às entrevistas, foram ouvidas duas profissionais atuantes no IFSC Câmpus Jaraguá do Sul – Centro: a assistente social Luciana da Cruz M. Magarão Alves e a psicóloga Juliana de Souza Augustin Pereira, além de entrevista com a professora Carina Longen Schmitt, profissional que já atuou na Educação Infantil e atualmente leciona no

primeiro ano do Ensino Fundamental, ou seja, trabalha/trabalhou com crianças na faixa etária de 4 a 7 anos. As contribuições desses profissionais possibilitaram uma compreensão mais ampla e qualificada acerca da temática investigada.

Paralelamente, os questionários online foram aplicados a um total de 185 estudantes do ensino médio integrado, pertencentes aos cursos de Química e Modelagem do Vestuário do referido câmpus. Também participaram da pesquisa responsáveis por crianças na faixa etária de 6 a 14 anos, ampliando o alcance da investigação e permitindo a inclusão de diferentes pontos de vista. Dessa forma, a combinação entre entrevistas e questionários contribuiu para a obtenção de dados diversificados, enriquecendo a análise e fortalecendo a consistência dos resultados obtidos.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com base nas respostas dos formulários com os pais e estudantes e as entrevistas com psicóloga, professora e assistente social, pudemos analisar e discutir os resultados, levando em consideração nossas hipóteses e objetivos.

4.1 O fenômeno da adultização

De acordo com Luciana da Cruz M. Magarão Alves:

A adultização infantil se refere à exposição precoce de crianças a comportamentos, responsabilidades e expectativas que deveriam ser reservadas aos adultos. [...] Diferentemente da simples exposição a temas adultos — que pode ocorrer de maneira pontual e mediada — a adultização envolve uma inversão de papéis e uma sobrecarga que interfere no desenvolvimento natural da infância.

A partir da pergunta “Você sabe o que é adultização infantil? Como explicaria esse conceito?”, foi possível observar que as explicações mais recorrentes, da parte dos adolescentes, descrevem: (a) exposição indevida nas redes sociais com objetivo de engajamento, muitas vezes impulsionada pela família; (b) imposição de responsabilidades emocionais/financeiras por parte de adultos; e (c) comportamento e vestimenta inadequados para a idade. Entre as respostas, poucos discentes declararam não saber, porém pudemos observar que muitos que explicaram como

enxergam a adultização infantil, a limitaram à sexualização ou à exposição nas redes sociais. Poucas respostas (~2,7%) relacionam o fenômeno com consequências potenciais, como prejuízos ao desenvolvimento emocional e risco de exploração sexual.

Além disso, grande parte dos estudantes relataram terem tomado conhecimento sobre o termo recentemente, após vídeo do *influenciador* Felipe Bressanim Pereira - conhecido popularmente como Felca - no qual ele faz uma denúncia a casos de adultização e erotização infantil, principalmente na internet, como o de Hytalo Santos. O vídeo tomou tamanha repercussão que alcançou pessoas de todo o Brasil, resultou na criação da Lei nº 15.211 de 2025, popularmente conhecida como Lei Felca ou ECA (Estatuto Digital da Criança e do Adolescente) Digital, e na prisão de Hytalo Santos: “A Justiça da Paraíba condenou o influenciador Hitalo José Santos Silva, que adota publicamente o nome Hytalo Santos, (...) por exploração sexual de crianças e adolescentes. A pena imposta a Hytalo foi de 11 anos e 4 meses de prisão (...)” (Agência Brasil, 2026).

No formulário com os discentes, foi perguntado se eles já haviam observado a adultização e se poderiam dar um exemplo. Do mesmo modo que anteriormente, a maioria das respostas citaram a exposição de crianças na internet. Dentre as respostas, pudemos confirmar a relevância do vídeo de Felca, reafirmada pelo respondente A, por exemplo: “Com os vídeos do Felca pude observar perfeitamente, mas já vi entre meus amigos principalmente e outros conhecidos de minha idade”.

Vários estudantes relataram terem observado a influência das famílias nesse fenômeno, como pais que vestem seus filhos de maneira inadequada, que dão total acesso à internet e redes sociais muito cedo, impõem responsabilidades excessivas, submetem a criança a situações e ambientes indevidos, e até expõe elas na internet, muitas vezes em busca de engajamento — fenômeno conhecido como *sharenting*, “criação e compartilhamento de conteúdo nas mídias digitais por mães, pais ou cuidadores a partir do comportamento ou imagens de seus filhos, de maneira habitual e excessiva” (INSTITUTO ALANA, [2020?]). Outras respostas citaram trabalho infantil, desinteresse por brinquedos/brincadeiras, modo das crianças se vestirem e se arrumarem, desejo por aparentar ser mais velho e por relacionamentos amorosos, consumo de músicas e outros conteúdos não recomendados para a idade dos menores.

“Sim, na minha família *msm*, até *msm cmg q* tive crescer muito rápido [sic]”, afirmou o respondente B. Mesmo sem especificar sua experiência, podemos observar que ele próprio reconhece a adultização pelo qual passou em algum momento. O respondente C ressaltou que não apenas já havia percebido o fenômeno em diversas ocasiões, como também reforça a importância de proteger os pequenos:

Sim, podemos observar nas mídias sociais, quando são colocadas roupas de adultos em crianças, crianças que se comportam como adultos, um exemplo é de uma criança que vi nas redes sociais é que estava se comportando de um jeito inadequado para a idade dela, e os responsáveis da criança aproveitando para engajar e ganhar em cima da criança, assim se tornando um mero produto. É importante proteger as crianças, vale ressaltar também essa febre de diversas crianças comprando e usando produtos de Skincare, sendo que são crianças e estão no processo de crescimento e não necessitam, mas acho que grande parte é por causa das mídias sociais e entre outros...e crianças devem ser crianças, ouvir músicas de crianças, vestir roupas de crianças, brincar e estudar, assim podemos observar diversos tipos de adultização infantil.

No formulário dos pais, observamos que, embora grande parte dos pais acreditam saber do que o fenômeno se trata, 28,6% afirmam não entender completamente ou não saber o que o tema aborda. Ao não ter conhecimento sobre tal assunto, os pais/responsáveis podem não perceber que isso pode estar acontecendo com seu próprio(a) filho(a) por falta de esclarecimentos.

A professora entrevistada compartilha sua principal preocupação quanto ao tema: “(...) a ‘poda’ da simplicidade, ingenuidade e alegria de ser criança, de viver a infância de forma integral, segura e lúdica, principalmente quando ouço de alguns alunos a seguinte afirmação ‘ah professora, isso é coisa de criancinha, eu já cresci!’”. Ademais, ao ser indagada se já havia observado comportamentos ou falas adultizadas dos seus alunos, responde:

(...) quase que diariamente percebo comportamentos, falas ou danças que não correspondem à infância. Tem crianças que cantam músicas como “funk e batidão”; outras que demonstram dancinhas imitando influenciadores ou relacionadas a músicas de contexto adulto; também já vi alunas irem para a escola com muita maquiagem (sombra escura, rímel, batom com cor intensa), além de ouvir gírias e até xingamentos de contexto adulto.

4.2 Adultização em Jaraguá do Sul

A pesquisa de campo do presente trabalho foi realizada no município de Jaraguá do Sul - SC; portanto, apresenta dados de um pequeno recorte da sociedade contemporânea. Mesmo sendo um tema de repercussão mundial, e que

nossa pesquisa bibliográfica conte com pesquisas de várias regiões do Brasil e do mundo, as discussões sobre os resultados contarão exclusivamente com a percepção da sociedade jaraguense acerca do fenômeno da adultização. Porém, como afirma a psicóloga Juliana em sua entrevista: “Mas eu acredito que em Jaraguá vai ser uma amostra do Brasil. Claro que em algumas regiões é mais de um jeito, outras regiões é mais de outro, pelas questões culturais e tudo mais, mas eu acho que Jaraguá não vai diferenciar muito de outras cidades do nosso estado”.

A assistente social Luciana da Cruz Moraes Magarao Alves, ao ser questionada sobre a adultização na região, responde:

Sim. É possível perceber indícios de que a adultização infantil tem se tornado um problema crescente aqui na nossa região. Observa-se, sobre aqui na escola, em alguns casos que chegam para nós, que muitas crianças e adolescentes vêm assumindo responsabilidades que não condizem com sua faixa etária (...). Esses fatores indicam que o fenômeno está presente e tende a se intensificar, exigindo atenção das famílias, escolas e da comunidade.

4.2.1 Causas da adultização

Luciana da Cruz Moraes, ao ser questionada sobre as principais causas da adultização infantil, responde:

Pela nossa vivência no dia a dia da escola, podemos destacar que algumas questões, como: a vulnerabilidade socioeconômica, que muitas vezes faz com que crianças precisem assumir responsabilidades de cuidado ou até trabalhar; famílias monoparentais ou com pouca rede de apoio, onde a criança acaba assumindo funções de cuidador ou confidente; a exposição precoce a conteúdos sexualizados na mídia e redes sociais; e a pressão constante por desempenho, produtividade e perfeição, que gera uma sensação de que a criança precisa “ser adulta” antes do tempo. Tudo isso acaba comprometendo e interferindo no desenvolvimento emocional e social dos alunos.

Em nossa pesquisa, dividimos as principais causas em três tópicos, para melhor organização da pesquisa: base familiar, ambiente social e meio midiático.

4.2.1.1 Base familiar

A psicóloga Juliana de Souza Augustin Pereira aponta que os sinais de adultização são relativos, dizendo que “se for uma coisa que vai mexer com a questão da sexualização, é um sinal; mas se for algo assim: aquela criança está

sendo cobrada para além da idade dela, é outro.” A partir disso, podemos fazer uma conexão à fala de Luciana:

Em contextos de maior vulnerabilidade socioeconômica, é comum que crianças assumam responsabilidades domésticas, de cuidado de irmãos ou até atividades laborais para contribuir com a renda familiar. Isso pode acelerar a adultização por necessidade. Já em famílias de maior poder aquisitivo, a adultização pode aparecer de forma mais simbólica — como exigências relacionadas ao desempenho, comportamento “maduro”, aparência e responsabilidades incompatíveis com a idade. Em ambos os casos, a criança perde espaço para vivenciar plenamente o desenvolvimento infantil.

A diferença na forma como a adultização se apresenta, principalmente ao comparar realidades socioeconômicas distintas, citada acima, é confirmada por Castilhos e Leandro (2018).

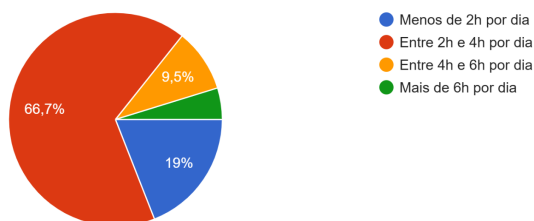
Os dados obtidos por meio dos questionários aplicados aos pais e responsáveis reforçam a centralidade da base familiar no enfrentamento da adultização infantil. Observou-se que todos os respondentes afirmaram acompanhar, de forma integral ou parcial, o conteúdo acessado por seus filhos na internet, indicando crescente preocupação das famílias com os riscos associados ao ambiente digital, especialmente diante da grande circulação de conteúdos inadequados às crianças.

Contudo, verificou-se que parcela significativa das crianças e pré-adolescentes permanece entre duas e seis horas diárias ou mais em frente às telas, tempo superior ao recomendado pela Sociedade Brasileira de Pediatria. Tal resultado evidencia que o monitoramento familiar, embora importante, nem sempre se mostra suficiente para conter os impactos da lógica digital contemporânea, marcada pela hiperconectividade, pelo consumo acelerado de informações e pela presença constante das telas no cotidiano doméstico.

Figura 1: Gráfico sobre o tempo de uso das telas pelas crianças e pré-adolescentes.

2. Quanto tempo você acha que seu filho(a) passa em frente às telas? (Celular, computador, TV, tablet, etc).

21 respostas



Fonte: elaborado pelos autores.

Outro aspecto relevante identificado refere-se à comunicação intrafamiliar. A maioria dos responsáveis relatou que os filhos compartilham grande parte de suas vivências e sentimentos, o que pode ser interpretado como indicador positivo de vínculo afetivo e abertura ao diálogo. Relações familiares baseadas em escuta e confiança tendem a favorecer o desenvolvimento emocional saudável, funcionando como fator de proteção frente às pressões externas.

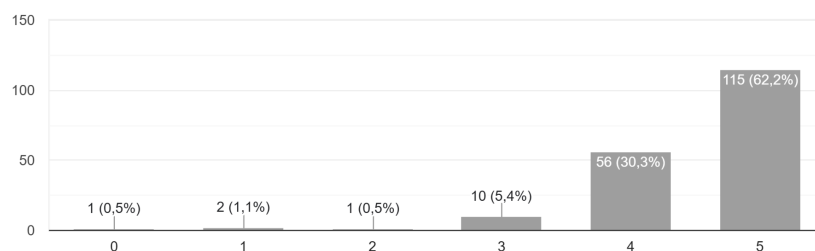
Ainda assim, os dados revelam tensões entre a percepção dos responsáveis e as experiências concretas das crianças e adolescentes. Enquanto a maior parte dos pais afirmou não perceber influência significativa do ambiente familiar na adultização infantil, no formulário com adolescentes, foi perguntado o quanto eles acreditam que a base familiar influencia nas atitudes e pensamentos das crianças, em uma escala de 0-5. As respostas, observadas no gráfico abaixo, demonstram que a maioria dos participantes pensa que a influência familiar é muito grande.

Com base na sociologia, a base familiar é responsável pela socialização primária dos indivíduos, onde, de acordo com Berger e Luckmann (2004), a criança aprende e interioriza a linguagem, as regras básicas da sociedade, a moral e os modelos comportamentais do grupo a qual pertence. A socialização primária tem um valor essencial para o indivíduo e deixa marcas muito profundas para toda a sua vida, já que é a partir dela que se constrói o primeiro mundo do indivíduo.

Figura 2: Gráfico relacionado à influência da base familiar.

5. Na sua opinião, em uma escala de 0 a 5, o quanto a base familiar influencia no modo de agir e pensar de uma criança?

185 respostas



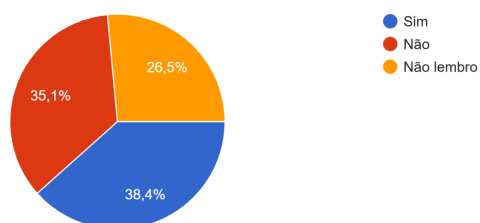
Fonte: elaborado pelos autores.

Após, os participantes do formulário com alunos do ensino médio foram questionados se a pressão familiar gera preocupações e responsabilidades excessivas/precoces. Todas as respostas confirmam esse efeito: 100% dos respondentes afirmam que a pressão da família resulta em algum nível de aumento nas responsabilidades e nas preocupações. Embora, no gráfico seguinte, podemos observar que apenas 38,4% dos inquiridos se lembram de terem assumido responsabilidades e preocupações precoces decorrentes da família, a totalidade deles reconhece que esse tipo de pressão é recorrente e pode gerar impactos significativos no desenvolvimento infantil, mesmo que nem todos a identifiquem claramente em suas próprias vivências.

Figura 3: Gráfico relacionado às responsabilidades e preocupações na infância.

7. Você se lembra de assumir responsabilidades e preocupações excessivas para a idade, por conta de pressão familiar, quando era criança?

185 respostas



Fonte: elaborado pelos autores.

A professora Carina, que já lecionou na educação infantil e no primeiro ano do ensino fundamental, comenta sobre como ela observa que algumas famílias induzem as crianças à adultização:

Sim, percebemos muitas vezes que as famílias incentivam, sem perceber, a adultização infantil, quando delegam para a criança algumas responsabilidades que não são delas, como por exemplo, cuidar de irmãos mais novos, vestir as crianças com “roupas da moda” ditadas por artistas, personagens e influenciadores; às vezes, alguma tarefa doméstica que ainda não se enquadra na faixa etária da criança, além de demonstrarem ansiedade para com o desenvolvimento escolar da criança, ao questionar e comparar se seu filho já sabe ler e escrever, sendo que a alfabetização é um processo de várias etapas. Mas acredito que a maior “falha” familiar é permitir que a criança tenha acesso às redes sociais, jogos online ou de vídeo game, músicas que não tem linguagem própria para a infância, e tantos outros estímulos comerciais e indiretos voltados ao consumismo, exposição, autoestima, sem que haja supervisão, limite de tempo e programas condizentes com a faixa etária, orientação e diálogo sobre autoestima, autoconfiança, consumo e exposição.

Ademais, pesquisas e referenciais teóricos apontam que expectativas excessivas, cobranças por desempenho, antecipação de responsabilidades e pressões por maturidade podem emergir no interior da própria família (Honoré *apud* Neu, Berleze e Kunz, 2015). A assistente social alerta que responsabilidades adequadas para a idade se diferem da sobrecarga: “(...) A diferença está no impacto: quando há estresse, ansiedade, culpa ou perda da vivência infantil, já não é saudável”.

É importante retomar o que foi discutido na fundamentação teórica: muitas vezes, essas responsabilidades excessivas assumidas na família são proveniente da condição social e necessidade em que esta se encontra, portanto, não convém culpabilizar as famílias, como evidencia a psicóloga entrevistada:

(...) na verdade, não pode uma criança ficar sozinha em casa, mas infelizmente a gente sabe que algumas crianças ficam cuidando de irmãozinhos em casa. E não é, às vezes, maldade, é que às vezes a família não consegue trabalhar, ela não tem aula, a escola não é integral e aí como é que vai a família trabalhar, né? Por isso que eu digo que a sociedade, a forma que é organizada ela é a causadora de tudo isso. Não dá pra gente culpabilizar só as famílias.

Parte dos respondentes do formulário com pais/responsáveis reconheceu sinais de ansiedade, estresse, nervosismo e preocupação excessiva nos filhos, especialmente relacionados ao medo de errar ou de não atender às expectativas. Tais manifestações emocionais reforçam que a adultização infantil não se restringe à adoção de comportamentos estéticos ou consumo de símbolos adultos, mas também envolve a internalização precoce de responsabilidades e cobranças típicas da vida adulta.

4.2.1.2 Outros meios sociais

Podemos observar que outros meios sociais, como escola e círculos sociais (colegas, amigos), também influenciam no processo de adultização.

A assistente social Luciana, ao ser questionada se a pressão dos estudos poderia contribuir com o fenômeno, responde que “(...) o que acontece em muitos casos é que a cobrança excessiva por desempenho, perfeição e resultados pode gerar estresse, ansiedade e sensação de que a criança é ‘responsável pelo futuro da família’. Isso é uma forma moderna de adultização.”, evidenciando que a cobrança por altos resultados leva a um encurtamento da infância, fazendo com que a criança assuma preocupações e responsabilidades excessivas para a idade dela. No questionário com os alunos do ensino médio, foi indagado se os inquiridos assumiram obrigações excessivas na infância, ao que 38,4% responderam afirmativamente. Quanto ao papel da escola, a psicóloga Juliana esclarece que esta deve respeitar a fase da criança e possibilitar o brincar e a imaginação, sem sobrecarga ou antecipação de aprendizado:

(...) existe uma tendência a querer que a criança antecipe etapas, por exemplo, a criança já começar a ler o quanto antes. Desde pequenininho: “já vamos ensinar aqui, os números e letras e, vamos lá, brinquedos educativos, números e letras”, mas espera aí, tem brinquedo educativo que vai dizer “5+”, é para acima de 5 anos. “Ah, mas já vou dar quando ele tem 4”. Aí tem criança que acha legal, ela até gosta, mas às vezes você antecipa números e letras e não oferece aquela brincadeira livre, de imaginação.

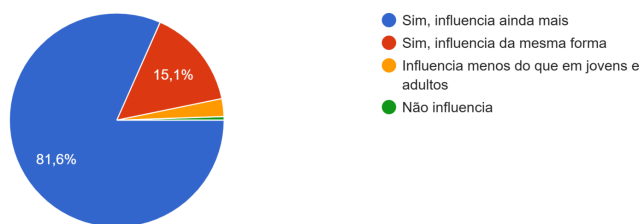
Ao serem questionados sobre a influência dos meios sociais em jovens e adultos, praticamente todos os respondentes afirmaram reconhecer grande influência no modo de agir e pensar dessa faixa etária. Citando o professor Henrik Olsson (*apud* Prado, 2018): “Nossos círculos sociais — nossos amigos e familiares — são muitas vezes as únicas fontes de informação que temos sobre diferentes características de um mundo social mais amplo”

A pergunta seguinte fazia um comparativo com esta, questionando se os inquiridos observam maior ou menor influência desse meio nas crianças, ao que 81,6% responderam que a influência é ainda maior, como podemos observar no gráfico a seguir.

Figura 4: Gráfico relacionado à influência dos meios sociais em crianças.

4. Sobre a pergunta anterior, influenciam nas crianças?

185 respostas



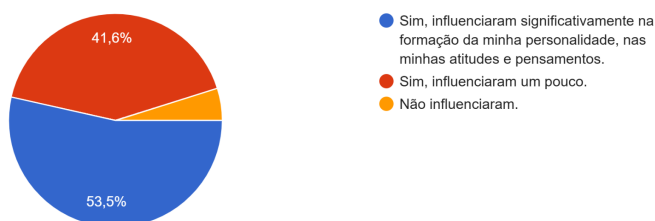
Fonte: elaborado pelos autores.

Também foram indagados se já observaram o impacto dos meios sociais na sua infância. 53,5% afirmaram que as pessoas de seus ciclos sociais influenciaram significativamente na formação da personalidade do indivíduo, e 41,6% reconheceram que teve alguma influência. “(..) De acordo com a Psicologia Histórico-Cultural, a criança se desenvolve a partir das relações sociais e do meio em que está inserida.”(Silva; Silva; Rezende; Santana, 2024).

Figura 5: Gráfico relacionado à influência dos meios sociais na infância.

8. Você acha que os meios sociais, como seus colegas de escola, professores e amigos, influenciaram o seu modo de pensar e agir enquanto criança?

185 respostas



Fonte: elaborado pelos autores.

A influência dos amigos e colegas na forma como a criança age, pensa ou fala é confirmado por Carina:

Com certeza as amigas influenciam e significativamente a forma como a criança pensa, fala e age. Tanto na educação infantil como no ensino fundamental, as interações com os colegas são uma importante fonte de aprendizagem social, pois é por meio delas que as crianças desenvolvem a comunicação, a cooperação, a empatia, como também a resolução de conflitos. É comum que as crianças observem e reproduzam comportamentos, expressões, atitudes e formas de brincar dos amigos, isso

contribui para a construção da identidade, da autoestima e do pertencimento ao grupo.

Já no formulário com os pais/responsáveis, estes foram questionados se percebem alguma influência causada por amigos ou colegas em seus filhos, e praticamente metade dos respondentes afirmou que percebe algum impacto. Na pergunta seguinte, questionamos se os pais/responsáveis poderiam mencionar exemplos de influências percebidas. Dentre as respostas, analisamos relatos de que as crianças/pré-adolescentes vivem um conflito entre seus interesses infantis e a pressão para adotar comportamentos “adultizados”, como usar maquiagem, pintar as unhas ou mudar seu modo de falar e se vestir, apenas para ser aceita. O inquirido D relatou:

Quando minha filha era mais nova, sofreu bullying por não estar com comportamentos de adultização, como fazer maquiagem, pintar as unhas e uso de roupas de adultos. As colegas a deixavam de lado e sempre era excluída de todos os convites. Eu sempre cuidei muito para que ela tivesse o amadurecimento da fase de vida, sem acelerar o processo.

Quanto ao uso de linguagem associada a adolescentes/adultos, metade dos respondentes observam que, ao menos de vez em quando, seus filhos usam dessas expressões, gírias e/ou formas de se comunicar relacionadas a jovens e adultos.

Isso evidencia como a busca por inclusão pode forçá-las a abandonar partes importantes da infância, ao mesmo tempo em que reforça a importância de a família respeitar seu ritmo natural de amadurecimento. Tudo isso é afirmado por Orlandi (2012 *apud* Neu; Berleze; Kunz, 2015, p. 6) “As crianças tendem a ser forçadas a ter uma conduta madura, erotizante, sexualizada, sensualizada, com adereços característicos do mundo adulto como maquiagem, adornos, enfeites, esmaltes”.

Há também o desejo por independência, que, dependendo da maneira como for estimulado, pode causar um amadurecimento precoce, como afirmado por Juliana:

Acho que existe um desejo de independência natural, no sentido dessa busca de autonomia. Mas, dependendo do contexto dessa criança, do que ela é incentivada, aquilo que ela está consumindo (...) Então acho que é problemático à medida que ela vai acessando coisas que não são para a idade dela, à medida que ela é cobrada fora da idade dela, que ela tem que ter uma responsabilidade maior do que a idade dela. Se sentindo autônoma, só que, se não for para a idade dela, isso vai dar um problema mais para frente.

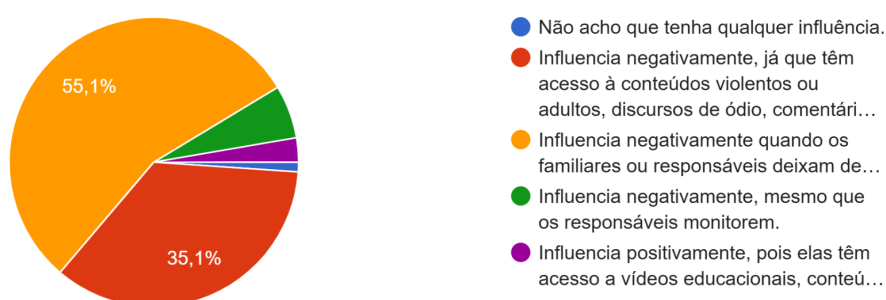
4.2.1.3 Mídia

As crianças estão cada vez mais expostas a conteúdos incompatíveis com a idade por meio das mídias, modificando significativamente o seu processo de desenvolvimento. A partir dos questionários aplicados com as turmas do IFSC - Centro, percebe-se que grande parte dos respondentes relata já ter observado casos de adultização principalmente em conteúdos online, relacionados a maquiagem, skincare, danças e roupas sexualizadas, e influenciadores mirins, que muitas vezes são impulsionados pelas próprias famílias. A mídia foi apontada como majoritariamente prejudicial à formação infantil, sobretudo quando não há supervisão.

Figura 6: Gráfico relacionado à influência da mídia.

9. Como você acha ou observa que a mídia (TV, redes sociais, aplicativos de jogos online, etc) influencia as crianças?

185 respostas



Fonte: elaborado pelos autores.

O tempo de exposição às telas durante a infância também apareceu como fator relevante, pois amplia o contato com padrões adultos de comportamento, estética e consumo - afinal, como afirma a psicóloga entrevistada, “É muito lucrativo para as empresas que as crianças se interessem por coisas adultas”. Os dados do formulário com adolescentes demonstram que uma parcela significativa dos participantes teve contato frequente com telas na infância, o que aumenta a probabilidade de exposição a conteúdos e comportamentos associados ao mundo adulto.

A partir de uma pergunta do mesmo questionário, podemos observar que 72,9% dos participantes começaram a se importar com sua aparência antes de completar 14 anos, e 35,1% antes dos 10 anos de idade: crianças preocupadas com a estética, autoimagem, e padrões de beleza, preocupações típicas de jovens e adultos. Esses dados estão ligados ao acesso das crianças a *influencers*, *trends* de beleza, filtros na internet, e o padrão de beleza inalcançável que causa comparação e pressão estética sob jovens, adultos e até crianças - o que além de trazer um desgaste emocional muito grande, também encurta o período da infância. A preocupação com a aparência de forma prematura é um exemplo concreto de adultização.

Foi questionado aos pais/responsáveis quais são as principais causas da adultização infantil atualmente na opinião deles, e os itens mais votados foram influência da mídia/redes sociais (90,5%) e exposição a conteúdos midiáticos (85,7%).

Uma parcela significativa dos responsáveis reconhece as mídias sociais como um ambiente potencialmente prejudicial, no qual as crianças podem entrar em contato com informações, linguagens ou comportamentos que não correspondem à sua faixa etária. Apesar disso, muitos destacaram a dificuldade de controlar a exposição, especialmente em plataformas como *Tik Tok* e *Instagram*, onde o conteúdo aparece de forma aleatória.

Já a professora Carina, sobre o comentário ou reprodução de conteúdos midiáticos por parte de seus alunos, responde: “(...) a rede social YouTube é a que se sobressai neste ponto, onde as crianças relatam que assistem vídeos dos mais variados assuntos, sem limite de tempo, alguns sob supervisão do responsável, outros com acesso liberado, e nenhum usa apenas o YouTube Kids, por exemplo”. Além disso, ela também ressalta que observa que a mídia, influenciadores e propagandas têm muita influência no comportamento das crianças, como em brincadeiras onde passam a reproduzir situações e personagens, na vestimenta que escolhem usar, ou na repetição de expressões que mal compreendem o significado.

A psicóloga Juliana, ao ser indagada sobre a influência da mídia, responde:

Então, eu acredito assim, que à medida que as crianças acessam muito a internet, o celular, porque é uma coisa que as famílias, às vezes, só dão o celular, deixa a criança quieta ali. Eu acredito que esses acessos fazem com que a criança tenha interesses em consumo de coisas que não são

necessariamente para a idade, roupas que não são da idade, interesses ou falas que não são próprias para a idade.

A psicóloga também relatou a importância do ECA Digital: “Algo, assim, que eu acho que provoca, facilita a adultização, é esse acesso desenfreado às mídias sociais. Por isso que eu digo, que bom, acho que a gente pode ter um pouco mais de esperança com essas regras, que é para ter mais rigor agora. (...) felizmente a gente tem agora, fresquinho, o ECA Digital em jogo (...), agora o negócio está ficando mais organizado para as plataformas terem que controlar, não ficar só na carga das famílias. (...)”.

Nesse contexto, é crucial que pais e responsáveis atuem como moderadores na vida dos filhos, atentando-se ao uso das mídias sociais utilizadas pelos filhos e incentivando a prática de atividades que reduzam o tempo de exposição às telas, como brincadeiras educativas e a socialização, a fim de preservar essa fase tão importante para o desenvolvimento do ser humano - importância reforçada por outra fala de Juliana:

Que bom que agora a gente vai ter mais controles obrigatórios para as plataformas, mas mesmo assim a família tem que acompanhar, porque a questão do celular, das mídias, é como se fosse assim: ah, tu não deixa a sua criança brincar à noite lá fora de casa, na rua, porque tu não tá lá junto, mas tu deixa no celular, é como se tu deixasse ela na rua, porque tu não sabe onde é que ela tá.

Tais percepções reforçam o entendimento de que a internet constitui um dos principais agentes de influência na adultização infantil.

4.2.1.4 Impactos da adultização

A adultização infantil traz diversas consequências para a vida das crianças que passam por ela, seja a curto ou longo prazo.

Uma das questões no formulário dos pais indagava qual seriam os principais impactos do fenômeno. Como podemos observar no gráfico abaixo, os inquiridos reconhecem que a adultização resulta em várias consequências para toda a vida das crianças. As opções que se destacaram foram (a) dificuldades emocionais e (b) ansiedade e estresse devido à sobrecarga emocional - ou seja, na opinião dos inquiridos, os maiores impactos desse fenômeno são psicológicos.

Em entrevista com a psicóloga Juliana, ela comenta sobre os sinais que uma infância adultizada causam em curto prazo:

(...) vai variar um pouquinho com o que aquela criança está acessando, mas vai vir alguma coisa em termos de ansiedade — eu acredito que sim —, a preocupação, talvez, excessiva, dependendo ali da questão da responsabilidade que está sendo cobrada daquela criança; interesses por questões adultas, em vez de se interessar por brinquedos e coisas da infância, como uma preocupação adulta em assistir coisas adultas, curtir vídeos que ‘ué, mas isso aqui não é pra crianças’. Por que ela não está interessada na faixa etária dela.

Essa fala revela que ao terem acesso a conteúdos ou responsabilidades adultas, a criança não vê mais sentido em coisas próprias para a sua idade, como a brincadeira livre por exemplo, a qual a professora entrevistada, Carina, revela ser um dos principais meios de aprendizagem da criança:

A adultização infantil impacta diretamente em um dos principais meios de aprendizagem da criança: a brincadeira livre. Quando isso acontece, a criança passa a ter menos tempo e espaço para brincar de forma espontânea, com imaginação e criatividade, porque a adultização antecipa responsabilidades, comportamentos e interesses que não fazem parte da infância. A brincadeira livre é essencial para o desenvolvimento infantil, pois é por meio dela que a criança explora o mundo, cria regras, desenvolve a linguagem, aprende a conviver com os colegas e elabora emoções. Quando há adultização, essa experiência pode ser reduzida ou substituída por atividades mais estruturadas ou pelo uso excessivo de telas, limitando a criatividade e a autonomia.

Na entrevista com Luciana, a profissional evidencia que crianças que passam por adultização podem desenvolver transtornos mentais (ansiedade, depressão, etc) e dificuldades na socialização e desenvolvimento de sua individualidade - complementando com uma fala de Juliana: “Tudo que vai abreviar a infância, que vai pular a etapa, vai afetar a identidade”. Ao serem privados de momentos importantes, como as brincadeiras (cuja importância é mais uma vez ressaltada), podem ter problemas para lidar com complicações da vida adulta e apresentar uma autoestima baixa. Além disso, a criança pode ser induzida a interpretar seu corpo a partir de expectativas adultas e/ou sexualizadas, gerando confusão, vergonha, obsessão com a aparência, e uma interpretação precoce de que “sua identidade está ligada ao desejo ou aprovação do outro”. Também pode aumentar a vulnerabilidade a abusos, exploração ou envolvimento em comportamentos eróticos, sem a devida compreensão e maturidade.

A mesma, ao ser questionada sobre as consequências do trabalho infantil, triste realidade de muitas crianças que as leva a um amadurecimento forçado, responde: “A criança e o adolescente que trabalham estão altamente expostos a

situações de risco, além de prejudicar sua saúde, autoestima, prejudica a aprendizagem, a torna vulnerável, e a expõe a diversas formas de violências.”

Por fim, é essencial que a sociedade se una em combate à adultização, para preservar a infância das crianças e garantir um futuro melhor. Esse combate já começa dentro das famílias, ao, de acordo com Carina:

(...) garantir momentos de brincadeira livre, respeitar e acompanhar o ritmo de desenvolvimento da criança, incentivar a convivência com outras crianças e oferecer um ambiente acolhedor, seguro e afetivo, com diálogo, escuta atenta e participação da família na rotina da criança. Além disso, estabelecer limites de forma respeitosa, acompanhar o uso das tecnologias e promover momentos de convivência familiar contribuem para que a criança vivencie plenamente sua infância, desenvolvendo-se de forma equilibrada nos aspectos cognitivo, social e emocional.

O papel fundamental das famílias é reforçado por Juliana: “que a família consiga olhar para aquela criança em cada idade dela, poder proporcionar o “ser criança”, com uma certa liberdade. Mas, lógico, também com as responsabilidades”.

A professora Carina reforça que a escola também é importante nessa prevenção, devendo ser um espaço acolhedor e que estimule o desenvolvimento da criança, enquanto valoriza a infância e o brincar. É essencial o respeito pelo ritmo individual de cada aluno, evitando cobranças e pressão excessiva por desempenho acadêmico - o erro faz parte do aprendizado. Professores também devem incentivar a empatia, o respeito, a cooperação, etc.

Podemos concluir com a seguinte fala da assistente social:

A família é o primeiro ambiente de socialização da criança e, por isso, tem um papel central em proteger, orientar e estabelecer limites. Já a escola é um espaço educativo e social que complementa o papel da família, contribuindo para o cuidado, a formação integral e o desenvolvimento saudável da criança. A mídia, por sua vez, influencia fortemente a percepção de mundo das crianças, seja por meio da TV, da publicidade, de filmes, séries ou das redes sociais. Por isso, é necessário um cuidado constante com os conteúdos consumidos, garantindo que estejam adequados à idade e não estimulem comportamentos precoces ou impróprios ao desenvolvimento infantil.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa alcançou seu objetivo geral de investigar os fatores que podem influenciar na adultização infantil no Município de Jaraguá do Sul, a partir dos objetivos específicos, os quais todos foram atingidos: através de pesquisas

bibliográficas e de campo, investigamos e analisamos a adultização infantil, suas causas (família, mídia, escola, ciclos de amizade) e seus impactos no desenvolvimento das crianças. Quanto às hipóteses, foram confirmadas: (a) Os meios sociais e as mídias influenciam comportamentos e pensamentos das crianças, contribuindo para a perda precoce de aspectos da infância, e (b) A pressão do meio social, como no ambiente familiar, escolar e nas redes sociais, pode acelerar a adoção de comportamentos considerados adultos. Percebemos que duas de nossas hipóteses - o desejo por autonomia e independência e a idealização do mundo adulto contribuem para a adultização - não foram totalmente confirmadas, pois observamos que estes fatores não induzem as crianças à adultização tanto quanto os outros meios sociais. Quanto a hipótese sobre a influência da comparação, observamos que esta aparece principalmente quando crianças se sentem pressionadas a se comportarem de certa forma ou gostar de alguma coisa para ser aceita em um grupo, sendo também principalmente uma consequência relacionada a comparação de aparências, reflexo de uma baixa autoestima e influência de padrões de beleza.

Em relação aos procedimentos utilizados, percebemos que as entrevistas foram proveitosas, em especial as que foram realizadas diretamente por escrito de forma online (com assistente social e com professora), já que as entrevistadas tiveram mais tempo para refletir e escolher suas palavras, e nos pouparam o tempo de transcrevê-las, enquanto a entrevista feita pessoalmente nos deu muito trabalho para transcrever e as respostas, pensadas no momento da entrevista, ficaram mais longas e algumas um pouco confusas. Também gostaríamos de ter entrevistado psicólogos que trabalham diretamente com crianças, mas não conseguimos respostas daqueles que contatamos. O questionário com os alunos nos permitiu coletar dados de 185 pessoas, o que foi muito vantajoso, porém o questionário com os pais (encaminhado para grupos de pais dos estudantes do IFSC e familiares) conteve apenas 21 respostas, o que limitou nossa análise. Inicialmente, a idéia era entrevistar crianças diretamente, porém por conta da burocracia (para visitar uma escola e para conseguir autorização dos pais das crianças) acabamos deixando a idéia de lado.

Através do presente trabalho, as integrantes do grupo experimentaram e aprenderam a conduzir uma pesquisa com coleta de dados e análise bibliográfica profunda, relacionar diferentes informações das leituras e dos/com os dados, além

de compreender o fenômeno da adultização e as influências do meio social de forma mais aprofundada, e pretendemos futuramente lançar o trabalho como um artigo (com a possibilidade de entrevista com o *influencer* Felca).

O projeto integra as dimensões de ensino, pesquisa e extensão, ao coletar e relacionar dados de variadas pesquisas a respeito da adultização infantil em Jaraguá do Sul, adesão de conhecimentos teóricos pelas integrantes, que investigaram e compreenderam o tema, relacionando-o com conteúdos estudados em sala de aula (como as obras de Berger e Luckmann, estudadas na matéria de sociologia, por exemplo). A expansão ocorrerá futuramente, após entrega do relatório final, apresentação e lançamento do artigo.

Diante do trabalho, apontamos a importância de compreender e investigar o fenômeno da adultização mais a fundo, especialmente os meios que o induzem, a fim de conscientizar a população e melhor prevenir a infância de nossas crianças. Para trabalhos futuros sobre o assunto, indicamos uma pesquisa mais aprofundada nos impactos da adultização e formas de lidar e preveni-la.

REFERÊNCIAS

- ALANA. **Adultização precoce**. Disponível em: <https://alana.org.br/glossario/adultizacao-precoce/>. Acesso em: 04 maio 2026.
- ALANA. **Sharenting**. São Paulo. Disponível em: <https://alana.org.br/glossario/sharenting/#site-content>. Acesso em: 04 maio 2026.
- ARAÚJO, D. D. **A adultização infantil no século XXI: uma abordagem histórica acerca das concepções de infância**. 2016.
- ARAÚJO, Eduardo. **Adultização infantil: entenda o que é e as principais causas**. *Blog Mania de Brincar*, 2025. Acesso em: 04 maio 2026.
- BALLALAI, Luciana Assad Luppi. **Processos estruturais na efetivação de políticas públicas infantojuvenis**. Londrina: Editora Thoth, 2024.
- BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 2013. Disponível em: <https://cristianorodriguesdotcom.wordpress.com/wp-content/uploads/2013/06/bergerluckman.pdf>. Acesso em: 04 maio 2026.
- CASTILHOS, Grasiela Pereira da Silva de; LEANDRO, Janeide da Silva. **A inserção da criança no mundo do adulto: reflexões sobre o processo de adultização infantil**. *Trilhas Pedagógicas*, 2018. Disponível em: <https://fatece.edu.br/arquivos/arquivos-revistas/trilhas/volume8/11.pdf>. Acesso em: 04 maio 2026.
- CHILD RESCUE COALITION. **Safeguarding children online: the importance of monitoring internet and social media usage**. Disponível em: <https://childrescuecoalition.org/educations/safeguarding-children-online-the-importance-of-monitoring-internet-and-social-media-usage/>. Acesso em: 04 maio 2026.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. 237 p. ISBN 9788585910174.
- DE REPENTE 30. Direção: Gary Winick. Los Angeles: Revolution Studios. Sony Pictures Releasing, 2004. 1 streaming (Netflix).
- FIRMINO, Carol. **A adultização infantil leva à dificuldade de socialização e baixa autoestima**. *UOL VivaBem*, 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2021/06/02/adultizacao-infantil.htm>. Acesso em: 04 maio 2026.
- FNPETI – Fórum Nacional de Prevenção e Erradicação do Trabalho Infantil. **Formas e consequências do trabalho infantil**. Disponível em: <https://fnpeti.org.br/formasdetrabalhoinfantil/>. Acesso em: 08 jun 2026.

HENSEL, Laís Carla. **Influências da mídia no desenvolvimento infantil**. 2015.

Disponível em:

<https://bibliodigital.unijui.edu.br:8443/server/api/core/bitstreams/a1badfa2-f8fd-40fe-9a23-b54148a7392a/content>. Acesso em: 04 maio 2026.

JARAGUÁ DO SUL. **Apresentação - Educação Infantil**. Jaraguá do Sul, SC.

Disponível em: <https://www.jaraguadosul.sc.gov.br/apresentacao-educacao-infantil>.

Acesso em: 04 maio 2026.

MATA, Natália Teixeira; SILVEIRA, Liane Maria Braga da; DESLANDES, Suely Ferreira. **Família e negligência: uma análise do conceito de negligência na infância**. *Ciência & Saúde Coletiva*, 2017. Disponível em:

<https://doi.org/10.1590/1413-81232017229.13032017>. Acesso em: 04 maio 2026.

MORAIS, Isabel Rodovalho de et al. **O impacto do meio social no**

desenvolvimento infantil: uma análise psicossocial. 2025. Disponível em:

<https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/22321>. Acesso em: 04 maio 2026.

MOURÃO, B. da S. A.; SILVA, F. J. D. da; SILVEIRA, G. E.; LUZ, D. M. D.; EIDELWEIN, M. P.; FILHO, C. L. de A.; ANGEL, E. F. C.; NASCIMENTO, J. R. do.

Adultização de crianças em Escolas Públicas no Município de Picos-PI /

Adultization of children in Public Schools in the Municipality of Picos-PI.

Brazilian Journal of Development, [S. l.], v. 6, n. 10, p. 81874–81895, 2020. DOI: 10.34117/bjdv6n10-570. Disponível em:

<https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/18834>. Acesso em: 4 may. 2026.

NEU, Adriana Flávia; BERLEZE, Daniele Jacobi; KUNZ, Elenor. **Criança adulta ou um adulto em miniatura? Reflexões sobre a adultização das crianças**. 2015.

Disponível em:

http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/trab_eventos/ev.7193/ev.7193.pdf. Acesso em: 04 maio 2026.

NEVES, Tattiany Menezes de Oliveira. **Moda infantil e a descaracterização da infância**. 2024. Disponível em:

<https://repositorio.ueg.br/jspui/bitstream/riueg/6535/2/TC%20-%20Tattiany%20Menezes.pdf>. Acesso em: 04 maio 2026.

POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da infância**. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

PRADO, Ana. **Como as pessoas com quem convivemos afetam nossa forma de ver o mundo**. *Superinteressante*, 2018. Disponível em:

<https://super.abril.com.br/coluna/como-pessoas-funcionam/como-as-pessoas-com-quem-convivemos-afetam-nossa-forma-de-ver-o-mundo/>. Acesso em: 04 maio 2026.

PROESC. **A relação entre saúde mental e desempenho escolar**. Proesc, 28 nov.

2024. Disponível em:

<https://proesc.com/blog/a-relacao-entre-saude-mental-e-desempenho-escolar/>.

Acesso em: 08 jun 2026.

RYMOVICZ, Marcia Terezinha Pacheco. **O brincar na educação infantil**. 2013. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/xmlui/bitstream/handle/1884/49917/R%2520-%2520E%2520-%2520MARCIA%2520TEREZINHA%2520PACHECO%2520RYMOVICZ.pdf>. Acesso em: 04 maio 2026.

Sampaio, E. O., Carvalho, M. A. T., do Nascimento, V. G., & Ferreira, J. M. do N. (2022). **Influência das mídias sociais no processo de erotização infantil: fator determinante para um processo precoce da adultização?**. *Revista Eletrônica Da Estácio Recife*, 8(1). Disponível em: <https://reer.emnuvens.com.br/reer/article/view/665>. Acesso em: 29 maio 2026.

SILVA, Nara Liana Pereira; DESSEN, Maria Auxiliadora. **Síndrome de Down: etiologia, caracterização e impacto na família**. 2003. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/3304>. Acesso em: 04 maio 2026.

SISTEMA LEISMUNICIPAIS. **Lei Municipal nº 7.301, de 2016**. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/sc/j/jaragua-do-sul/lei-ordinaria/2016/730/7301>. Acesso em: 04 maio 2026.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. **Crianças no celular: saiba o tempo ideal para cada idade**. Disponível em: <https://www.sbp.com.br>. Acesso em: 04 maio 2026.

TRINKS, Luma. **A adultização infantil na contemporaneidade: causas, consequências e alternativas**. 2022. Disponível em: <http://repositorio.faculdadeam.edu.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/1094>. Acesso em: 04 maio 2026.

UFSM. **Gritos do silêncio: TikTok e crianças — exposição e adultização nas redes sociais**. 2024. Acesso em: 04 maio 2026.

UNICEF. **Proteção das crianças contra os impactos nocivos da pornografia**. Disponível em: <https://www.unicef.org>. Acesso em: 04 maio 2026.

APÊNDICE

FORMULÁRIO DISCENTES:

https://docs.google.com/document/d/1g1eawj6Y8gofQpCSUnOQjgbsykY_abM70NtTdt6wXR0/edit?usp=sharing

FORMULÁRIO PAIS OU RESPONSÁVEIS:

https://docs.google.com/document/d/19oaqmtvibZYPSuLUGZk8_y3daizOY6wYMXTqXi88qyg/edit?usp=sharing

ENTREVISTA ASSISTENTE SOCIAL:

<https://docs.google.com/document/d/1q99jU9HHRBVvi3sRjt4H6mC0l1CfCc1K1q7fYv3aMzY/edit?usp=sharing>

ENTREVISTA PSICÓLOGA:

https://docs.google.com/document/d/1xk4ob9AKh-ezzhHmodCu5Cy-N21Mtv2wDQ_RZ6p965s/edit?usp=sharing

ENTREVISTA PROFESSORA:

https://docs.google.com/document/d/1akvMU3LnzjHtSgweU05cSSuEuqlq_PfqniGHRAYd9mA/edit?usp=sharing